

Boletim Informativo da Federação Portuguesa  
da Ordem Maçónica Mista Internacional Le Droit Humain

# O DIREITO HUMANO

SOLSTÍCIO DE VERÃO 2016, ANO 7, Nº 15





---

**Neste Número: O Caos ... e o Cosmos**

Editorial

Pranchas

Caos e Ordem — Risoleta P. Pedro

**A Luz... e o Caos** — M. João F.

O Caminho Iniciático Maçónico (sinopse) — Alain Pozarnik

Ordem e Caos — Maria Teresa

---

**Imagem de Capa: Cluster de Estrelas "Westerlund 2"**

Fonte: Hubble Heritage

---

Conselho Editorial: - Comissão de Comunicação

Maria de Fátima Pires—Presidente

Hugo Gomes

Hugo Silva

Ilda Batista

Maria João Figueira

---

Cada artigo mantém a ortografia usada pelo autor.

Nota: Na ilustração das Pranchas a escolha das imagens foi da responsabilidade da **Comissão de Comunicação, excepto em "A Luz... e o Caos"**.

---

Contacto para sugestões e colaborações: [comunicacaoofpdh@gmail.com](mailto:comunicacaoofpdh@gmail.com)

---

Disponível no site da Federação Portuguesa: [www.direito-humano.pt](http://www.direito-humano.pt)



MM.: QQ.: Irmãos e Irmãs

Neste Boletim de Junho abordamos o tema "*O Caos e a Ordem*" ou "*Ordo ab Chaos*".

Esta ideia, chamada de dialéctica hegeliana, ou problema-reacção-solução, tem sido aplicada desde a Revolução Francesa e, no fundo, diz que a criação de um problema (seja económico, social ou outro) provoca uma reacção nas pessoas, explicando que a criação desse problema é feita de forma propositada de maneira a conseguir um contexto que permita às elites, ou a determinados grupos, apresentarem publicamente a "*solução*" para esse problema, a qual já estará na agenda dessa elite.

**O objectivo final é o de controlar a população e o de centralizar o poder.**

Para o que nos interessa, Ordem a partir do Caos significa Evolução.

É nesse contexto que este Boletim analisa este tema, contextualizando-o histórica, doutrinária e maçonicamente.

Assim, podemos encontrar textos que nos relembram a necessidade de encararmos os nossos defeitos e as nossas dificuldades como coisas que devemos aceitar mas que devem ser melhorados e aperfeiçoados, na busca da Luz que, **nesse caminho de aperfeiçoamento**, se vai revelando.

Podemos também encontrar outros trabalhos que nos recordam de como devemos, nós próprios, contribuir para instalar a ordem no caos que é o mundo actual.

Aquilo para que vos interpelo neste Editorial é para que usemos esses conhecimentos para que, como a Fénix, símbolo de esperança e do renascimento, nós próprios consigamos encontrar forças para renascer e evoluir, **apesar das mudanças constantes e dos problemas existentes na sociedade em que vivemos**, para que, dessas forças, também possamos fazer evoluir o mundo.

Nesse espírito, relembro a próxima Convenção da Federação Portuguesa da Ordem Maçónica Mista Internacional - "*Le Droit Humain*" - O Direito Humano, que terá lugar já nos dias 02 e 03 de Julho de 2016.

Que esse encontro seja um momento de síntese do que tem sido o trabalho da Federação e, entre outras coisas, que se discutam rumos e caminhos para a nossa instituição, que são tão importantes existirem e estarão definidos nos tempos em que vivemos.

*Maria de Fátima Pires*

Pres.: do C.: N.: da Federação Portuguesa do Direito Humano



## Regulamentos da Federação

No passado mês de Maio recebemos a notícia da aprovação pelo Supremo Conselho dos novos Regulamentos da Federação.

A sua nova redacção, fruto de um longo trabalho, irá facilitar a sua consulta a todos e especialmente aos Irmãos e Irmãs Oradores.

Concurso Logotipo Convenção Internacional D.:H.: - Paris - Maio 2017

O Supremo Conselho da nossa Ordem levou a efeito um concurso dirigido a todas as Federações, Jurisdições e Lojas Pioneiras para o logo representativo da Convenção Internacional que terá lugar em Paris de 25 a 28 de Maio de 2017 E.: V.:. **A Federação Portuguesa** enviou a sua proposta da autoria do V.: M.: da R.:



Seminários — Grau de Companheiro e Grau de Mestre

Por iniciativa do Conselho Nacional realizaram-se em Janeiro e Abril, dois Seminários, o primeiro em Grau de Companheiro e o segundo em Grau de Mestre.

Estes dois eventos tiveram como objectivo o trabalho conjunto, a nível nacional, da simbologia do 2º e do 3º graus, que por razões várias, é pouco trabalhada nas lojas.



A aproximação de I Ir.: e IIr<sup>a</sup>.: **no que respeita à troca de experiências e saberes** é sempre positiva e para continuar, continuando sempre o nosso trabalho de polir a pedra.

## Conferência "A Importância da Maçonaria Mista no Século XXI"

No dia 18 de Abril de 2016 teve lugar, no Clube Carnegiano de Lisboa, uma Conferência subordinada ao tema: **"A Importância da Maçonaria Mista no Século XXI"** apresentada pelos Nossos MM.: III.: Ir.: **Maria da Graça Gomes** e Manuel Garrido.



A conferência teve uma assistência muito variada e participada tendo contado com a presença um número muito significativo de profanos e muitos Ir.: e Ir<sup>a</sup>.: **de várias Obediências.**



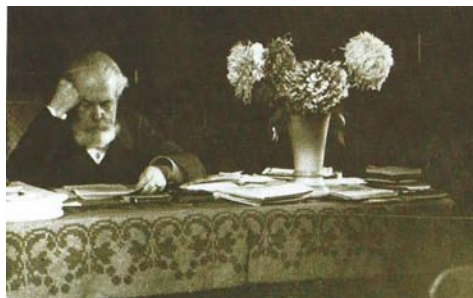


Comissão Europeia recebe membros do COMALACE

No dia 01 de Junho 2016 a Comissão Europeia, no âmbito do " Diálogo com igrejas, associações religiosas e organizações filosóficas e não confessionais " , recebeu o grupo " *COMALACE - Contribution des obédiences adogmatiques et libérales à la construction européenne* " que apresentou o seu tema anual " **Como poderão os nossos valores reencantar a juventude europeia?** ". A apresentação foi

seguida com a maior atenção, tendo sido dada a oportunidade a todos os presentes de dar a conhecer a realidade dos seus países. Deste grupo fazem parte 11 países - 16 obediências maçónicas.

Para mais informação : [http://ec.europa.eu/justice/fundamental-rights/dialogue/index\\_en.htm](http://ec.europa.eu/justice/fundamental-rights/dialogue/index_en.htm)



Georges Martin 09/05/1844 - 01/10//1916

Celebra-se este ano o centenário da morte de Georges Martin. Juntamente com Maria Deraismes, criou em 1893 a primeira Loja Mista do Mundo - a *Grande Loge Symbolique Ecossaise Le Droit Humain* - **que está na origem da Ordem Maçónica Mista Internacional "LE DROIT HUMAIN"**.

Cidadão activo e empenhado, médico dedicado, Senador e Conselheiro Geral de Paris, defensor dos direitos de todos os cidadãos, foi um militante activo pela entrada das mulheres na Franco-Maçonaria. Ao legado de acções e princípios em prol da Ordem, sempre pautados por uma grande **humildade**, doou ainda, à sua morte, o prédio da rua Jules Breton, sede internacional de "LE DROIT HUMAIN".

### Lisboa Maçónica



Sebastião José de Carvalho e Melo, a quem foi posteriormente atribuído o título de Marquês de Pombal, foi o responsável pelos planos de reconstrução de Lisboa após o terramoto de 1755, tendo seguido para tal a ideia de o



tratar como se de um grande templo se tratasse, segundo alguns autores e especialistas na matéria, à luz da Geometria Sagrada, tendo como cálculo base o número de ouro, *phi*, também chamado a "*Divina Proporção*" **porque espelha um certo ideal de beleza quase divina.**



Foi com base nestas proporções que toda a baixa foi reedificada, tendo como ponto central o eixo que divide a actual Rua Augusta, rodado 13º em relação ao Norte e reflectindo nas suas edificações princípios filosófico-hermético que orientaram os trabalhos daquele que tomou sobre si a tarefa de edificar o que a fúria da natureza havia destruído, colocando ordem

no caos reinante. Entre esta data e os princípios do Século XX, vários edifícios tiveram como base de construção a geometria sagrada, sendo muitos deles ornamentados com símbolos maçónicos.

[https://www.youtube.com/watch?v=Km4BffVhwmU&feature=em-subts\\_digest-vreccs](https://www.youtube.com/watch?v=Km4BffVhwmU&feature=em-subts_digest-vreccs)

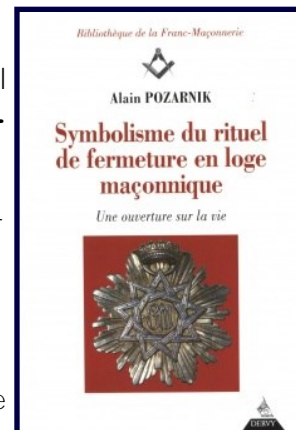


Alain Pozarnik

Mystères et Actions du Rituel **d'Ouverture en Loge Maçonnique**, Ed. Dervy,

Symbolisme du Rituel de Fermeture en Loge Maçonnique, Ed. Dervy,

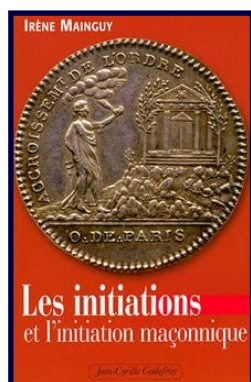
Estes dois excelentes livros de Alain Pozarnik, Grão-Mestre da



Grande Loja de França entre 2004 e 2006, debruçam-se sobre o ritual de abertura e encerramento no 1º Grau. Dando-nos uma compreensão profunda do sentido do diálogo travado entre o Venerável, os Vigilantes e os restantes membros da loja, durante estes dois momentos, transforma-nos em participantes, não só activos mas conscientes do sentido da mensagem iniciática presente no ritual.

Iréne Mainguy — Les initiations et l'initiation maçonnique

Ed. Jean-Cyril Godefroy ,



Numa sociedade a necessitar de pontos de referencia, onde o materialismo domina, surge a questão do lugar onde podemos encontrar o ideal iniciático. Em que é que a Iniciação nos pode dar a chave para um melhor conhecimento de si mesmo? Permitirá ela ainda hoje progredir na Via da Sabedoria e do Conhecimento? Dependendo das suas particularidades, como situar a iniciação maçónica em relação a outras formas de iniciação? Irène Mainguy lança luz sobre todas estas questões. Ela enfatiza as constantes de iniciação como um rito de passagem, com os seus valores, características, objetivos e finalidade. Este livro fornece respostas para os leitores que querem saber o que pode trazer a iniciação maçónica para o homem ou a mulher do

Século XXI. Irène Mainguy é bibliotecária e documentalista diplomada, responsável pela biblioteca maçónica do Grande Oriente de França, em Paris.

António Ventura — Maçonaria em Portugal

Ed: Circulo de Leitores

**"A caminho de quase três séculos de Maçonaria em Portugal,** a sua história confunde-se com a história do nosso país. Por entre anátemas e elogios cegos, importa desbravar a floresta de enganos, positivos e negativos, que rodeia a Maçonaria. Formada por homens, ela contém, como qualquer instituição humana, qualidades e defeitos, sombras e claridades, exemplos a apontar e erros a denunciar. Mas para tal é preciso conhecer. Talvez este livro contribua para esse conhecimento, num exercício que não é - nunca é - definitivo, mas sim **dinâmico."**



António Ventura é historiador e membro do Grande Oriente Lusitano.





*Ordo ab chaos* contém em si o verso e o reverso. Isto é: todo o

conteúdo.

Porque neste plano em que nos encontramos, neste encontro em que estamos, falar de ordem é falar de caos.

É isso que nos dizem as duas luminárias a oriente, é isso que nos diz o tapete branco e preto.

No início era o verbo, portanto, a expressão. O verbo ainda antes da palavra, a expressão onde cabe também a palavra. O caos é tudo o que não compreendemos, é o nada que contém tudo, é o todo onde o nada se revela, que para nós é uma espécie de cacofonia. Uma forma de nos aproximarmos do que não entendemos pode ser o símbolo e com ele as figuras geométricas. Abstratas, mas não vazias, embora possam conduzir àquele vazio que apenas suporta ser preenchido por uma coisa. Sendo essa coisa imperfeitamente designada por amor. Ou ordem. Nascida do caos.

O Universo refaz-se a cada milésimo de segundo. Há um caos invisível em tudo o que nos rodeia e em nós, que é uma oportunidade de eterna reconstrução da realidade. Não que eu consiga vê-la, são os cientistas que o dizem. A vida da matéria, que tem para nós a aparência de um *continuum*, **não é mais** que um constante fazer e desfazer. Uma espécie de caos criativo, uma pulsão para o refazer permanente. Em cada desfazer, nasce, com o caos, toda a esperança, porque cada refazer possui toda a potencialidade da coisa nova. Se soubermos entrar, instantaneamente, nesse intervalo, e deixar cair no buraco negro mais à mão tudo o que não nos interessa, poderemos renascer (e temos bilhões de oportunidades ao longo

de uma única vida) como um milagre de inocência. Dizem que isso é tão simples, tão fácil, que por essa mesma razão não o realizamos.

Muito do que foi verdadeiro até hoje já não vale no novo paradigma da incerteza. Será ela a nossa grande Mestra. O nosso grande desafio, agora, é sermos mestres do caos e discípulos dele mesmo. O controlo é, definitivamente, um valor do passado. Há que seguir esse novo MC chamado incerteza ou caos, e fazê-lo de olhos vendados, tal como entrámos, quando ouvimos o seu perturbador ruído.

Estamos no início. Sempre. A cada momento morremos e recriamo-nos. Por isso é tão importante a repetição do teatro maçónico a que também podemos chamar ritual. No mundo, estamos a assistir e ainda vamos assistir a grandes convulsões. Nas quedas, as crianças não se protegem, apenas se deixam cair, com a flexibilidade que é a sua natureza. Depois levantam-se e recomeçam tudo. Como hoje, nós. Dançar com o caos é a oportunidade que a aprendizagem dos passos ritualísticos nos oferece.

Quando nos reunimos à família maçónica, juntamos a ela a nossa própria linhagem. Todas as linhagens juntas formam um caldo de caos, um potencial atómico exponencial, daí nem sempre ser fácil coabitar numa L.: Maçónica. Também a família maçónica tem uma memória. O que dela sai à luz é um presente de valor inestimável, para nós. Mas aquilo que sai traz colada a si a escuridão e o oculto do precioso colo ou magma caótico de onde provém. Isto é, o essencial permanece oculto para nós, por exemplo, a sua proveniência e o seu alvo. E não só permanece oculto como resguardado, escondido. Só podemos ter acesso a esse lado à medida que se nos vai



mostrando, por isso, embora não as provoquemos deliberadamente, não lamentemos as falhas na ordem que se nos oferecem. À medida em que nos vamos abrindo, em que nos vamos mostrando disponíveis para ver, à medida em que paramos ali, precisamente onde se oculta, perante os nossos olhos, aí temos a oportunidade da verdadeira mestria. Da ordem é muito fácil ser-se mestre. À medida que desistimos de fugir para trás ou para a frente, no momento em que isso acontece, quando aceitamos este desafio de nos relacionarmos com esta sempre desconhecida e ameaçadora desordem que aceitou vir à luz, é útil centrarmo-nos não só no que estamos a ver, mas naquilo que permanece ainda desconhecido e que se oculta por detrás daquilo que está a querer sair. Porque, nesta dimensão, a ordem é efêmera. A luz, mal aparece, logo volta a submergir e se não estivermos em sintonia com os dois movimentos, luz e sombra, caos e ordem, e se não dançarmos com ambos, ficamos petrificados na aparente luz, iludidos pelo foco artificial que encomendámos, com medo das falhas de energia, digo, da nossa falta de fé nas leis naturais.

Assim, perseguir a luz e a ordem, falar obstinada e exclusivamente da luz e da ordem sem considerar a sombra revelada e principalmente a oculta, o caos, é uma maneira inconsciente e imatura de estar em Loja.

Para que exista uma ordem precisamos de aceitar o caos.

Observar o corpo quando está ritualmente em L.: de Ap.:, à ordem, na sua relação com o espaço, o gesto e a palavra e os símbolos

é uma forma interessante de estar na ordem sem virar as costas ao caos.

Estar à ordem implica verticalidade e horizontalidade no corpo, ou melhor, uma verticalidade cortada pela horizontalidade do braço direito.

Assim o maçom adota, pelo processo da consciência, uma relação privilegiada com o corpo que interrompe a postura normal, assim cortando também a corrente normal do pensamento e as emoções normalmente estagnadas.

No falar é difícil ao maçom gesticular, tem de manter o esquadro, que não é um mero formalismo mas a forma a disciplinar o espírito a conter a emoção na garganta.

Está aqui presente uma certa ascense numa postura apenas aparentemente militar, hierática, mas não pode ter rigidez, a respiração flui e é ela que dá ao corpo o imperceptível movimento e lhe retira a possível rigidez.

Quando está à ordem, há uma parte do ego que se perde ou que pelo menos se retira para os bastidores, o maçom à ordem reproduz um gesto já quase de estatutária já quase divinizado pelo poder da egrégora gestual.

Uma mão e um braço apontam a rosa dos ventos, outra aponta naturalmente o chão.



Escher, Dia e Noite, Museu Escher, Haia, Holanda.

A cabeça ergue-se em direção ao céu, numa atitude receptiva, ainda algo inconsciente dele, o seu domínio é o esquadro, o plano da terra, ou o reino.

O maçom assume a forma de um instrumento, passa a ser ele a pedra, o esquadro, o escultor e o observador, uma espécie de deus em ponto pequeno ou um pequeno arquiteto.

A posição desperta uma memória e um arquétipo. É nesse arquétipo despertado pelo corpo que reside o mistério.

Alguns oficiais estão à ordem com a espada, um usa bastão, dois malhete e o VM malhete e espada. Outros, apenas o seu próprio corpo, o mais precioso dos instrumentos.

Está à ordem para que não o assalte o caos, mas conhece-o, respeita-o, serve-se dele para desenhar uma forma que considera perfeita. Apenas não se deixa governar por ele. É um companheiro latente.

A linguagem corporal no seu **"traçar" de ângulos rectos** têm uma mais poderoso e eloquente do que a linguagem alguma vez poderá explicar, mergulho no mais profundo Ser, uma ética geométrica. É essa ética, ao contrário de toda a encenação da mente, que pode circular pelo meio do caos e geometricamente organizá-lo na revelação do corpo.

Risoleta P. Pedro, M.: M.:







*No princípio Deus (Elohim) criou os céus e a terra*

*E a terra era sem forma e caótica*

*Mas o sopro de Deus (Elohim) movia-se sobre a face das águas.*

***Deus (Elohim) disse: "Haja Luz."***

*E foi a Luz.*

*Gênesis, 1-3*

*Bíblia, (trad. de A. Chouraki)*



O caos - gravura segundo a descrição de Ovídeo nas Metamorfoses

Michel de Marolles, *Tableaux du temple des muses*, Paris, Antoine de Sommaville 1655

A palavra *Elohim* é o plural de *El* e o primeiro nome referido na *Tanakh*, o cânone do texto da *Torah* hebraica. O nome *Elohim* é único no pensamento hebraico e não existe em mais nenhuma língua semítica. Apesar de ser plural, quando se refere ao Deus de Israel não é utilizado para designar deuses, mas sim para transmitir o sentido de pluralidade existente em Deus quando tem o desejo de se reconhecer a si mesmo e se afasta criando o vazio... a partir do qual o universo encontra a possibilidade de se manifestar. É através dele que Deus - *Elohim*, se reconhece. É através do Universo manifestado que nós temos acesso a Deus.

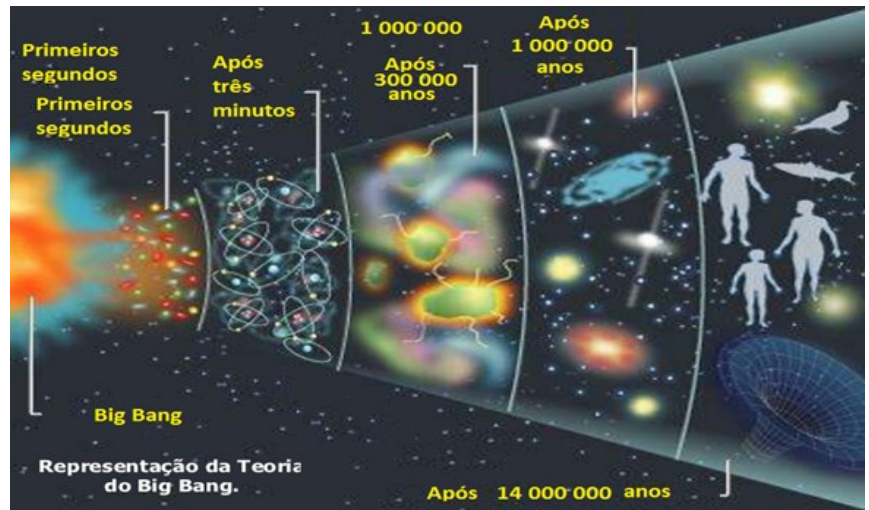
*E a Luz se fez.*

Existe um modelo geralmente aceite na comunidade científica para explicar a origem do universo. Foi postulado por um físico, astrónomo, cosmólogo e astrofísico.

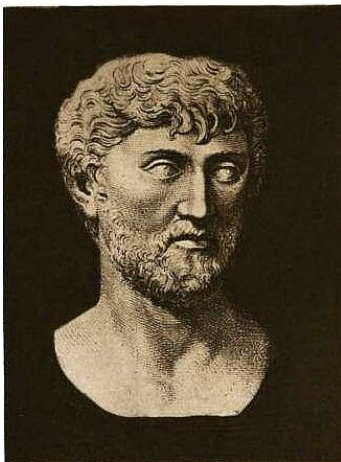
Georges Lemaitre de seu nome, nasceu na Bélgica em Julho de **1894 e morreu com 72 anos, após** ter exercido funções como professor de Cosmologia e Física na Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica. Além de ter feito os seus estudos e a sua carreira na ciência foi também ordenado padre católico em 1923, três anos depois de ter obtido o seu doutoramento.

Propôs, em 1927, dois anos antes de Edwin Hubble, aquela que é hoje conhecida como **"A Lei de Hubble do desvio para o vermelho"** a partir da Teoria da Relatividade Geral. Esta teoria que havia sido formulada por Einstein e publicada em 1915, 10 anos depois do seu **"Ano Mirabilis"**. **Deduziu também** aquela que é hoje conhecida por **"Constante de Hubble"**. **Lemaitre** era belga enquanto que Hubble era americano e Lemaitre publicou **num jornal menos conhecido...**

O modelo proposto por Lemaitre para a formação do Universo, a que chamou "Modelo Inflacionário", foi designado em 1950 por um seu detractor, Fred Hoyle, depreciativamente, "Big Bang". O nome pegou e hoje nos círculos não académicos é o único nome por que é vastamente conhecido. Postula este modelo que o seu início ocorreu num ponto que surge a partir do nada, o que não espantaria decerto um padre católico.



Modelo cosmológico de expansão do universo proposto pelo Padre e Físico Lemaitre



T. Lucretius Carus, British Museum

O mais interessante é que a comunidade científica o aceitou ao longo das últimas décadas do Século XX e das primeiras décadas do Século XXI, apesar de não faltarem vozes discordantes.

Esta teoria do nascimento do universo é contrária à corrente aceite tradicionalmente. Já Lucrecio postulava, por volta de 57 a.C., a existência de uma substância da qual tudo é formado, a que chamou "primordium rerum" ou matéria primordial, por vezes chamada também matéria elementar ou elementos.

Relativamente a esta, Lucrecio começou por explicar que nenhuma substância pode ser criada do nada, nem, uma vez criada pode ser obrigada a reduzir-se a nada. No poema "De Rerum Natura" Lucrecio exprime:

*"Mas sementes sólidas existem  
que enchem o espaço;  
E fazem a diferença entre  
cheio e vazio  
E aquelas, como já provei antes,  
Nenhuma chama activa  
Ou frio subtil consegue furar  
ou quebrar."*

Lucrecio teve vários companheiros nesta sua visão do universo e da matéria; todos os neoplatónicos acreditaram que o universo é eterno e que do **nada nada se tira... os cientistas**, no dealbar do século XVIII e XIX, seguiram este conceito e criaram princípios que foram e são hoje muito úteis à ciência e à tecnologia.

Na filosofia de Platão, Deus é incorruptível e o universo é eterno e incorruptível, na exacta medida do seu criador.



Jacques-Louis David — Retrato de Lavoisier e sua esposa, 1788

"Nada se cria tudo se transforma", disse Lavoisier, um químico do Século das Luzes que morreu durante a Revolução Francesa e que foi responsável pela iluminação de Paris e pela uniformização de várias medidas. Nesta tarefa foi ajudado pela sua esposa, Marie Anne Lavoisier.

No entanto no princípio do Século XX tudo isto é posto em cima da mesa para ser novamente questionado.

Com o desenvolvimento da Teoria da Relatividade, primeiro Restrita e depois Geral, por Einstein, com o princípio da Incerteza de Heisenberg e com a mecânica quântica, estas certezas foram sendo questionadas.

Segundo a teoria da relatividade, no "momento" do Big-Bang surge a matéria e surge também o espaço e o tempo, surgindo a matéria como uma flutuação na malha do espaço tempo. Como um lençol esticado onde uma bola seja lançada. Tal como o movimento desta provoca uma deformação no tecido em que a bola é atirada, assim acontece no tecido do cosmos quando há uma concentração de matéria que o deforma. Uma pergunta se coloca

desde já. Qual a causa e qual o efeito: a deformação do espaço-tempo é provocada pelo aparecimento da matéria concentrada ou, pelo contrário, a matéria surge porque o espaço-tempo teve uma flutuação?.

**Qual é primeiro, o ovo ou a galinha?**

*"No principio eram as trevas e Deus disse: "Faça-se Luz" E a Luz fez-se".*

A Luz apenas surge quando passam a existir fotões e estes só se formaram quando o universo arrefeceu um pouco, há aproximadamente 13,8 milhares de milhões de anos atrás.  $10^{-32}$  segundos após o início, estavam criadas as condições para que os fotões aparecessem do vazio escuro e caótico que antes existia. E a

**Luz surgiu. "E fez-se Luz".** E a partir desse momento a ordem começou a surgir a partir do Caos, dando sentido ao termo "*Ordo ab Chaos*". **Formaram-se** todas as partículas que vieram a dar forma ao caos inicial, e quando os fotões, os agentes da luz, estiveram livres para percorrer o espaço, tudo se tornou possível de ser visível, tornando visível hoje ao nosso olhar alguns desses acontecimentos.

Haydn começa a sua Oratória "*A Criação*" em 1798, com uma introdução de 7 minutos em que a orquestra representa o Caos (palavra que significa "*separar*") inicial. **As trevas** pairando sobre as águas informes que cobrem a terra. A água representa em diversas cosmogonias sempre o mundo sem forma, a unidade. Na Bíblia, no Génesis, estão representados os três estados da matéria: o sólido - a terra, o líquido - a água e o gasoso - o sopro divino.

O Caos inicial é representado pelo compositor num tempo arrastado, cortado por frases musicais de duração irregular, ligadas por harmonias, repetições, ritmos sincopados. Aquilo que hoje nos é fácil ouvir era à época uma ousadia. Toda esta fraseologia musical era estranha aos ouvidos dos amantes da música.

A Luz surge de uma forma inesperada, como uma explosão. Ouso dizer, um big-bang,



Balthasar Wigand, que também esteve presente na apresentação da obra "A Criação" no hall da velha universidade de Viena, no dia 27 de Março de 1808, pintou esta cena do acontecimento. Haydn está sentado na parte central da tela.



Ultra Deep Field—Hubble Heritage -foto do universo nos seus primórdios, com cerca de 4 % da idade actual.

representando uma consciência cósmica que se manifesta e que diz: "aqui estou". Uma nova existência do Cosmos e consequentemente, uma nova existência da humanidade. Do Caos surge uma nova Ordem: "*Ordo ab Chaos*".

A palavra Caos vem do grego *Chaos* que, longe de significar confusão, significa "espaço vazio" e cuja origem é, de acordo com estudos etimológicos, fenda, ravina. Logo, espaço deixado vazio por algo que se retira. Esíodo, o mais antigo poeta grego de que se tem notícia com alguma certeza (viveu no Século VIII a.C.), refere *Chaos* como a origem dos deuses do Olimpo no seu poema *Teogonia*:

*"Então, primeiro foi o Chaos, e em seguida Gaia de amplo peito, lar seguro para sempre de todos os imortais que habitam o Olimpo nevado e o Tártaro sombrio encravado nas profundidades da espaçosa; e depois Eros, o mais belo de entre os deuses imortais rompe as forças e que de todos os deuses e*

*de todos os homens domina no seu peito o coração e o sábio conselho."*

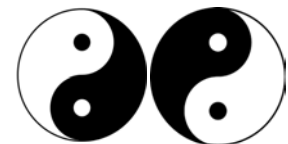
Os telescópios dão-nos uma visão cada vez mais próxima desse momento inicial em que a luz se manifesta. Os telescópios têm-nos dado imagens extraordinárias do universo. Como ver mais longe significa ver mais atrás no tempo, as imagens captadas pelo telescópio Hubble a que os astrónomos denominaram "*Ultra Deep Field*" - "*Campo Ultra Profundo*" - levam-nos próximo desse momento inicial em que um universo jovem fervilhava de vida criando e destruindo matéria e radiação, criando e destruindo partículas e antipartículas.

A velocidade da Luz é de 299 792 458 m/s, velocidade suficientemente grande para nada nos dizer... mas se dizemos que a luz do Sol leva cerca de 8 minutos a chegar à Terra, já estamos a falar de algo que conseguimos imaginar. Dizemos então que o Sol está a 8 minutos-luz da Terra. A luz da estrela mais próxima - Alpha Centauro - leva 4,22

anos a chegar ao sistema solar portanto o que vemos hoje aconteceu 4,22 anos antes da data actual. A distância entre a nossa galáxia e a galáxia de Andrómeda é da ordem de 2,54 milhões de anos luz e outras existem a distâncias imensas... A mais longínqua detectada até hoje, em 2016, foi descoberta pelo telescópio Hubble - galáxia GNz-11. Esta galáxia localiza-se a 13,30 mil milhões de anos, ou seja a imagem que vemos foi originada há 13,30 mil milhões de anos.

O Universo tem cerca de 13,82 mil milhões de anos, pelo que a imagem da foto do Hubble (Ultra Deep field) data de uma época muito próxima do Big Bang e da origem do universo tal qual o conhecemos

Essa constante criação e destruição, a existência de partículas e antipartículas, geradas a partir da interacção de campo e que se destroem quando entram em contacto, leva-me a pensar nos símbolos taoistas das duas suásticas e do Yin/Yang, com o seu movimento de rotação que os colocam em acção.

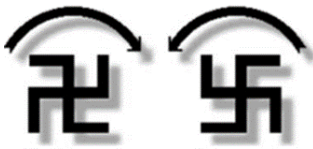


Yin/Yang— conceitos do Taoísmo que expõem a dualidade de tudo que existe no universo e a sua interdependência

Como refere uma das sete leis básicas do universo descritas pelo *Kybalion*.

Lei da Polaridade: "*Tudo é duplo, tudo tem dois polos, tudo tem o seu oposto. O igual e o desigual são a mesma coisa. Os extremos tocam-se. Todas as verdades são meias-verdades. Todos os paradoxos podem ser reconciliáveis*".

As duas suásticas, símbolos universais usados por povos tão diversos como Hindús, Budistas, Gregos e Celtas, são complementares entre si, possuindo, tal como o Yin/Yang, movimento de rotação.



Suástica com movimento dextrocentrico e sinistrocentrico.

Na filosofia taoista, o símbolo Yin/Yang, dualista e dinâmico, mantém um movimento rotacional fazendo actuar as duas forças em oposição e complementaridade, destrutiva e construtiva, ou activa e passiva, que permeiam todo o universo. E a força de construção

traz já em si o gérmen da destruição. E vice-versa.

Este movimento, que pode ser sinistrocêntrico ou dextrocêntrico, marca o movimento de tudo no universo, fazendo lembrar uma outra lei definida no *Kybalion*:

Lei da Vibração: "*Nada está parado, tudo se move, tudo vibra*"

Hoje os astrofísicos têm vindo a constatar que o nascimento e a destruição de estrelas e galáxias tem vindo a diminuir mercê da expansão do universo e conseqüente arrefecimento. O Universo já não é aquele lugar fervilhante de vida e morte. Está mais calmo. E parte da matéria parece ter desaparecido, fazendo-se apenas presenciar pelos efeitos que causa. A par desse desaparecimento da matéria visível tem sido sentida a presença de matéria e energia não visíveis, determinadas pelos efeitos inesperados que se têm manifestado quando é medida a velocidade de rotação das estrelas na periferia das galáxias. Estas pa-

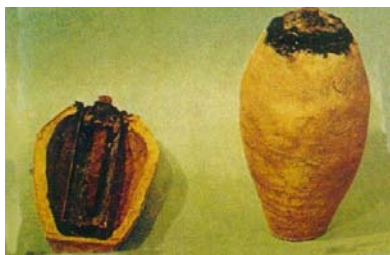
recem rodar muito mais depressa do que seria expectável, o que coloca em causa teorias estabelecidas e constantes antes calculadas. As próprias teorias nascem, crescem e morrem. Como tudo no universo.

Podemos perguntar-nos, como tantos outros antes de nós, se a luz física (fotões) tem algo em comum com a luz mística (**símbolo**). **Elas têm em comum** o constituírem um limite para além do qual não é possível passar definindo assim uma fronteira. De um lado o desconhecido, a não forma, o não acessível pela sensação. Será que é acessível por outros meios que não os telescópios? Será que a intuição permitirá ao ser humano a transposição desse limite?

Na vida humana as épocas de sombra e de luz sucedem-se e só isso nos permite evoluir. A uma época de trevas suceder-se-á uma nova época regenerada, criada *ab initium*, e por isso purificada; criada de novo por isso pura. O suceder da



Galáxia NGC 1073 - Esta galáxia é semelhante à Galáxia da Via Láctea, a nossa casa. Fonte: Nasa/ESA/Hubble Heritage I mage Gallery



Pilha de Bagdad - artefacto descoberto por Wilhelm König, arqueólogo alemão e director do museu nacional do Iraque no espólio do museu em 1938. Eventualmente utilizado na galvanoplastia de jóias. Datam do período em que os Parsas dominavam a região do Iraque, entre 250 a.C e 250 d.C.. **Construída com um tubo de chapa de cobre enrolada, sendo o pote de barro fechado no fundo com um disco de cobre do qual sai uma barra também de ferro, com vestígios de ter sido corroída, eventualmente por uma substância ácida.** Fonte: rationalwiki.org.

Primavera ao Inverno, o nascimento da planta a partir da semente que sofreu a sua morte ao descer ao Hades, ao submundo. São representados e recriados no mito de Perséfone, a deusa grega condenada a passar 6 meses com o senhor do submundo, Hades. O senhor dos Infernos que ascende à superfície na Primavera, dando uma alegria tão grande a sua mãe, Demeter, que esta faz regenerar o mundo vegetal, de que é a re-

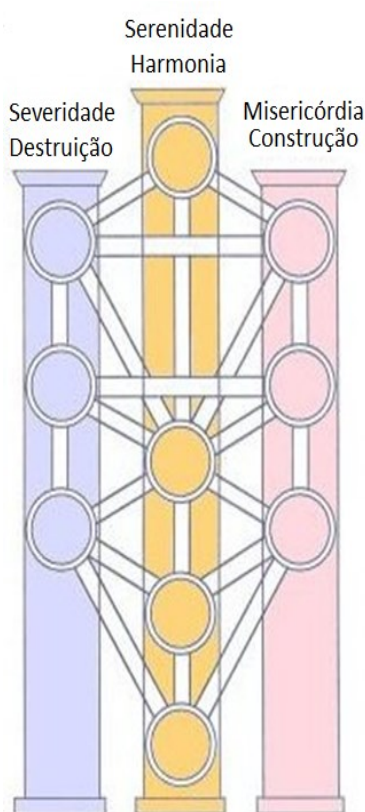
gente, em explosões de energia regenerada. Este é o mito que é recriado em todos os rituais de iniciação, em todos aqueles que envolvem morte / renascimento e que têm sido praticados e transmitidos ao longo da história da humanidade.

A idade sombria, o *Kali-Yuga* dos Hindús, a Era da deusa Kali, a deusa da destruição, é seguida em todas as cosmogonias de uma nova Era regeneradora que resulta de uma dissolução cósmica. É por essa razão que podemos valorizar as épocas de luz e dar sentido às épocas sombrias, de decadência e de decomposição. São estas últimas que nos incitam à mudança, à

libertação, que apenas se consegue porque existe esperança e porque acreditamos. Se não unirmos os polos opostos de uma pilha, a corrente eléctrica, geradora do movimento, não ocorrerá. A oposição das trevas e da luz enquanto fonte geradora, a manifestação do potencial que se encontrava oculto e que decidiu conhecer-se a si própria, como afirma a *Kabbalah* judaica. Esta oposição atravessa as mais diversas cosmogonias e religiões, com a Luz a emergir das Trevas e a expandir-se em todas as direcções. As direcções criadas *Ab Initium*, quando foi criado o espaço tempo a partir do Big-Bang.

Do Caos primordial nasceu a Ordem que rege o Universo. Este reconhecimento da relação entre os dois e da nossa relação com ambos, tão bem expressa no mito da morte/renascimento que constitui o Mito Maçónico ajuda-nos nos nossos processos internos de construção e reconstrução. São estes que nos conduzirão à Construção do nosso Templo Interior.

M. J. F., M.:M.:



**Árvore da Vida (*Kabbalah*)** — As duas colunas, da Severidade e da Misericórdia, os extremos, equilibram-se na coluna do meio, a coluna da Harmonia. O iniciado procura atingir o equilíbrio da coluna central.





Recepção de um Aprendiz Maçon cerca do ano de 1750 (E.:V.:.). Litografia atribuída a Lebanon.

A via iniciática dos franco-maçons não é nem uma via religiosa, nem mística, nem filosófica, nem ideológica mas uma via da razão, uma via racional, uma via da experiência concreta, uma via sensível analisada e compreendida pelo cérebro e depois pelo espírito e que se abre progressivamente a um conhecimento inapreensível de uma outra forma. A via iniciática é uma via do humano. Quem poderia afirmar não ter vontade de viver um estado de maior humanidade para experimentar a felicidade de se sentir um ser humano mais pleno?

Viver na realidade iniciática é, também, descobrir o maravilhoso da nossa vida quando vivemos e nos analisamos **corajosamente e sem batota (...)**.

A iniciação não é uma actividade cultural que, entre outras, possa lançar uma ponte para quaisquer mundanidades sedutoras. Ela é um percurso apaixonante que exige toda a nossa vigilância, toda a nossa vontade e toda a nossa inteligência. Apela inteira-

mente à nossa energia que nos conduz a uma razão livre, sólida, objectiva a partir da qual podemos ver e ouvir os murmúrios das vagas da vida sem angústia, olhando a Luz invisível.

Geralmente vemos a realidade material na sua dualidade: de um lado uma vida tumultuosa, perigosa, muitas vezes aterradora, mesmo que não o queiramos reconhecer, que nos arrasta como uma pequena palha e do outro, o acesso a uma posição estável e feliz. A iniciação é um acesso ao grande mistério da felicidade que a humanidade sempre procurou decifrar. Não é uma modificação da vida exterior mas uma passagem para a vida do Ser interior que vê e compreende de forma diferente.

Nas ondas tumultuosas que geralmente nos transportam, todas as ideologias, morais, espiritualidades são apenas espumas e correntes que levam consigo troncos desenraiza-

dos e lamas. Nada se pode fixar seriamente nesta agitação, e os nossos saberes, os nossos amores e os nossos ideais flutuam ao sabor do tempo para depois desaparecerem no turbilhão de boas e más razões. Por vezes ressurgem um pouco mais à frente sempre que as correntes do ego se apaziguam um pouco e desaparecem, de novo, no absurdo de uma corrente de vida não dominada que não nos deixa tempo para retomar o fôlego mesmo que, por um momento, julguemos ter conseguido manter a cabeça à tona.

Arrastados pelo tumulto natural, não podemos ser responsáveis pelas nossas acções ou pensamentos a não ser que tomemos a decisão de nadar contra a corrente para sair das vagas nascidas espontaneamente do ventre da terra e que, no passar dos dias, cada vez mais abruptas e alimentadas por outras correntes, se transformaram numa torrente incontrolável. A vida humana, a nossa vida, decorre deste modo. Também, em todos os tempos, homens conscientes da intensidade devastadora do rebenatar das ondas procuraram analisá-las, compreendê-las e delas fugir.

**(...) A imagem simbólica mais** ajustada, à nossa posição no caminho iniciático, não é a de um rio que nos leva e no qual nos esforçamos por voltar à margem, mas a de um mar enfurecido que nos arrebatou em função de ventos violentos. No centro deste oceano tormen-

toso surge uma ilha tranquila de areia branca protegida por uma barreira de coral. De um dos lados da barreira o mar é tormentoso, do outro as ondas acalmam-se e brincam com a luz do sol. A felicidade, o paraíso não está fora de nós mas no nosso centro, competemos atingi-lo, pormo-nos em movimento, mudar alguma coisa.

Se queremos verdadeiramente viver de outro modo, os caminhos iniciáticos estão aí. Existem desde a noite dos tempos. Se ainda estão vivos, se não desapareceram no decurso dos séculos é porque contêm verdades reconhecidas e eficazes. Não podemos ignorá-los. A sua existência não tem a ver apenas com os tempos idos nem se destina aos outros mas é também para nós que queremos sinceramente utilizá-los e abandonar as nossas agressividades, os nossos medos e ignorâncias, no sentido de viver com mais dignidade humana. Não se trata de utopia, de esoterismo ou de belos pensamentos mas de acções e de saber ser. Sem uma acção voluntariamente empreendida, não houve percurso iniciático. E isto não implica sacrificar o nosso passado e as nossas aquisições mas praticar um **espírito nobre(...). Só possível** com a ajuda daqueles que, como nós, procuram a realidade da grandeza humana. Eles não podem avançar no nosso lugar mas, connosco, iluminam a nossa obra.

Sempre que abordamos a mar-

gem do nosso Ser interior, curiosamente, ficamos livres das nossas tormentas, dos nossos monstros, das nossas vagas gigantes sem que estas desapareçam. Por trás da barreira de coral estamos fora do alcance da tempestade mesmo que a ouçamos ao longe. A realidade da tormenta não desapareceu, mas em vez de sermos o seu objecto e vítima, somos dela pacíficas testemunhas. Dizer basta ao nosso tumulto não o faz desaparecer, não nos desliga da realidade mas, pelo contrário, teremos dela uma maior consciência, mediremos melhor a sua força e direcção e podemos agir com conhecimento de causa. Olhar o mundo de longe não significa desligar-se dele, ignorá-lo, pô-lo de lado.

Claro que, enquanto nos mantivermos próximos do limite do mar, ao menor descuido da nossa vigilância, e atenção podemos ser novamente levados por uma onda, envolvidos novamente pelo mar da agitação. Será necessário renovar os nossos esforços, reunir as nossas energias apesar da fadiga, passar sobre a barreira de coral para reencontrar a calma perdida, e mergulhar ainda mais profundamente na serenidade. De um lado, o oceano enfurecido, do outro, o azul-turquesa do mar. É a passagem de um lado ao outro que é difícil, esgotante. Se o conseguirmos teremos maior possibilidade de permanecermos atentos e assim não mais nos deixarmos levar.



(...) Neste desconforto recorrente começamos a discernir melhor a perigosidade das pulsões mecânicas dos nossos reflexos e emoções (...) e pouco a pouco começamos a entrever um horizonte de paz infinita.

Este horizonte de paz, de serenidade e de harmonia, em relação ao qual ninguém sabe nada, destaca-se da tormenta e adquire um sentido pessoal. Transformados em testemunhas silenciosas, olhamos os nossos juízos e as nossas análises com distanciamento (...).

Somos uma coisa por entre as coisas do mundo, um animal entre outros animais mas somos também este Ser que tem consciência de ser uma coisa e a ultrapassar num acto de libertação. Não se trata de opor algo exterior que existe verdadeiramente, a um Ser interior que não existe menos concretamente e que une estas duas existências. Em todo o caso somos o que somos mas passamos a existir com um "eu" mais vasto capaz de unificar os dois planos. Já não há um "eu" que é uma ilusão e um "eu" mais real. "Eu" é uma entidade absoluta e única constituída por um "eu" próprio do mundo natural, nesta terra e um "eu" mais autenticamente humano que constitui um mistério a ser vivido. Temos em nós estes dois seres: um mesquinho, cínico e impiedoso, o outro amoro-

so, nobre e sensível. Ambos nos interpelam e durante a nossa vida quotidiana não sabemos qual deles seguir para sermos um ser humano reconhecido. A intenção material e a intenção espiritual querem viver em detrimento uma da outra e nós não sabemos discernir qual delas é o nosso "eu" mais importante. As suas existências são duais enquanto vivemos na natureza material e superficial, mas logo que nos encontramos na verdade última as percepções enganadoras apagam-se e os sentidos defeituosos já não aparecem. Então, a verdade situa-se no coração do Ser como um sentimento que ultrapassa o relativo. Face ao sentido do universo já não há nem escolha nem hesitação, a plenitude, a perfeição e a verdade impõem-se por si.

(...) As experiências espirituais nem sempre necessitam de exercícios particularmente dedicados, mas podem surgir no decurso da nossa vida normal. É nas vicissitudes da nossa vida quotidiana que devemos exercitar-nos a realizar a nossa humanidade, que avançamos para o infinito do nosso destino final. É na nossa vida quotidiana que destacamos do ordinário o extraordinário mesmo que precisemos de procurar o auxílio de uma Ordem iniciática.

Se estamos convencidos que existe uma maneira de sermos diferentes e que queremos vivê-la, ela não nos surgirá senão na realidade quotidiana que nos é acessível e que constitui a nossa realidade. Os caminhos da sabedoria expandem o nosso saber

viver e o nosso saber ser actuais através de um conhecimento do desconhecido, uma compreensão do incompreensível, uma união das dualidades.

O nosso "eu" espiritual não pode beber nos nossos saberes porque os saberes pertencem apenas à mundanidade. É preciso apreciar, estar atento à experiência da vida espiritual que se manifesta na experiência da vida normal. A evolução espiritual faz-se a partir da realidade material concreta. É a plena consciência do elemento material que pode prolongar-se pela consciência da realidade espiritual não menos concreta. É pois importante que a ancoragem em si não nos corte do mundo mas que, ao contrário, nos abra outras portas sobre o mundo. A ancoragem não nos isola da confusão e da dor, afasta-nos da pieguice egocêntrica e capacita-nos com uma imensa sensibilidade nova, não poluída, que se torna fonte de conhecimento.

(...) No caminho iniciático autêntico não há nenhuma ideia pré-concebida, deixa-se ao iniciado o cuidado de descobrir a realidade que ele não conhece e da qual não tem nenhuma representação. Não se trata, para ele, de se contentar com as suas múltiplas pequenas realidades mas de ultrapassar o que se apresenta como relativo, para atingir a última e grande consciência do mundo. A felicidade humana só lhe parece possível vinda daquela luz.

(...) O trabalho iniciático correctamente percorrido permite ao iniciado unir-se ao seu Ser interior que descobrirá objectiva-

mente a realidade do mundo material. Então este Ser desperto alargar-se-á até ao espírito ao mesmo tempo que domina e dirige a mecânica natural da corporeidade. Esta conversão do Ser à Luz permite ao iniciado prosseguir a sua maturação humana e de assumir o seu lugar no concerto social, de participar na fraternidade e de fazer progredir a civilização. O iniciado reconhece-se como um participante, como um elo útil à vida humana no que tem de mais maravilhoso.

**(...) A iniciação confere ao homem a consciência da responsabilidade em prosseguir a sua evolução até atingir as qualidades virtuosas e luminosas que presta habitual-**

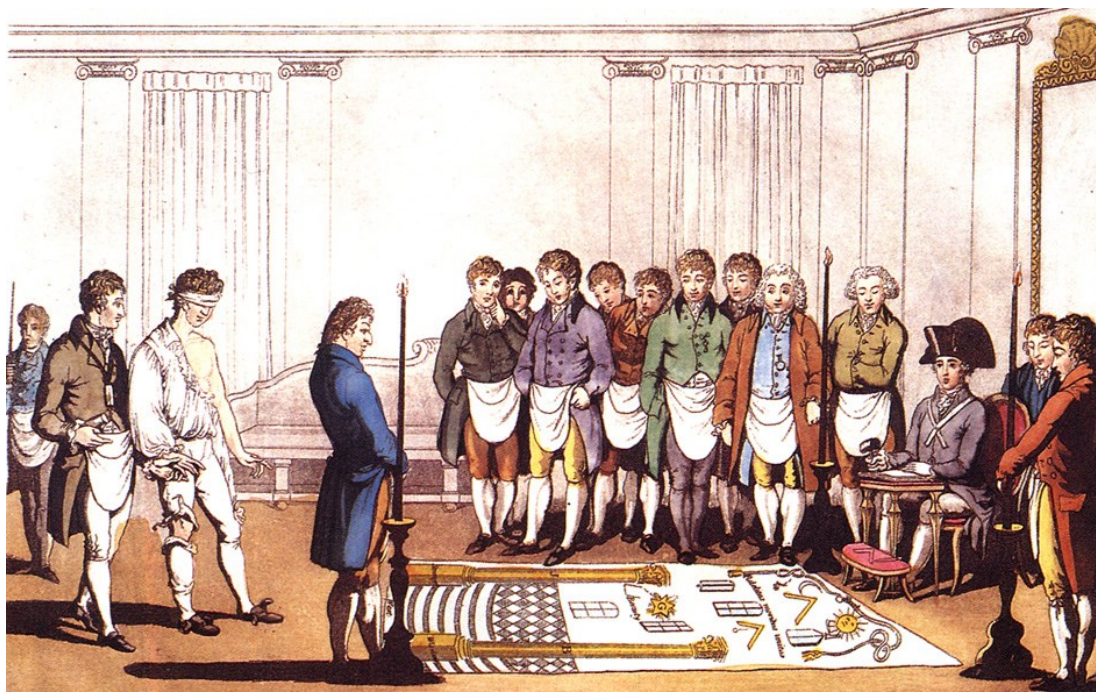
mente a um deus exterior. O crime contra a humanidade consiste em recusar de alguma maneira, seja a um ou a vários seres humanos, a possibilidade de desenvolver e atingir a sua natureza humana fundamental. A morte de um corpo implica a morte de um Ser em curso de maturação. A negação de perfeição no futuro, tratando um ser humano como um animal sem consciência superior é uma abjeção bárbara e bestial enquanto que o perdão, a fraternidade e o amor são sinais de reconhecimento e de esperança numa transformação possível de todo o ser humano. Mas para que tal amor habite um coração é preciso que se reflita neste a luz humana e que a razão mais elevada cesse de ser destruída pela ignorância e o sofrimento

do caminho da vida em eclosão.

Com efeito, sem se dar conta, cada um de nós não quer *pôr nenhum limite à procura da Verdade* na condição de não mexer com os seus próprios limites constituídos pelos seus saberes científicos, filosóficos, religiosos ou políticos transmitidos pelos seus pais, professores ou o seu meio social que recolheu ao longo da sua história: infância, adolescência ou jovem adulto.

*Le Bonheur Initiatique*, Alain Pozanik

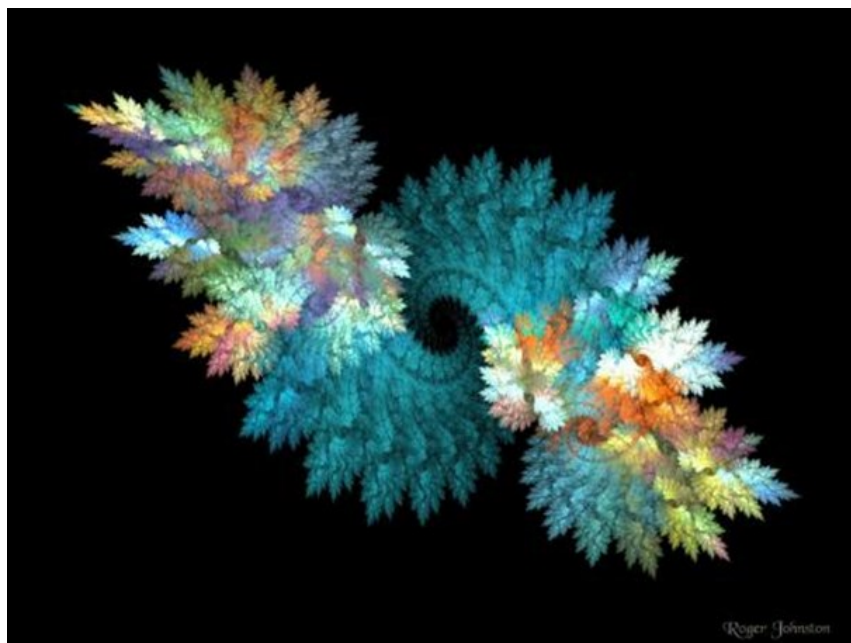
(Tradução de Ilda. B., M.: M.:)



Iniciação de um Aprendiz Maçon cerca de 1800.

Esta gravura retoma a gravura feita por Gabanon sobre o mesmo tema, datada de 1745. O vestuário dos participantes foi modificado e adaptado à moda usada em Inglaterra no Século XIX.





Arte Fractal — autor desconhecido

“Que caos! Como consegues trabalhar assim? Resposta muito rápida da minha parte: fácil, muito fácil, sei exactamente onde está cada documento que necessito e ai de quem alterar a **minha ordem!**” **Claro que isto diz respeito à minha secretária de trabalho, que só a mim interessa.** Mas, e se por acaso eu não estiver presente e alguém necessitar com urgência **“daquele documento?”** - seria um verdadeiro caos.

Ordem e caos, dualidade (ou será a mesma Lei Cós mica?) permanente que a tudo e a todos assiste.



Escultura inca que representa um feto dentro do útero materno chuchando no dedo. Museo de América, Madrid

Sempre que começava uma nova leitura na pesquisa que fiz sobre este tema, mais me convencia que, ao acreditar na existência de uma ordem universal, esta vem de algo/ou ser, completamente fora dos parâmetros do nosso cérebro.

Vejamos, quando o espermatozóide fecunda o óvulo, começa uma série de transformações, de divisões, todas pré-estabelecidas conforme a natureza do que se está formando. No caso humano, as células que vão tendo origem, agrupam-se segundo a sua função, os nossos órgãos internos, externos, os nossos neurónios, enfim um ser humano! Ser esse que teve origem segundo uma determinada ordem. Quando morre, todas estas células em vez de “trabalharem” para um fim único - o tal ser vivente -, desagregam-se e começa uma desordem tal, a que poderemos chamar um verdadeiro caos.

Neste caso, o que será que faz com que as células se agreguem e constituam o ser vivo, se desenvolvam, se

protejam, se substituam quando doentes, se multipliquem? Será que existe alguma **"substância energética"** que as vivifica e as orienta para um mesmo fim? Será o tal chamado de corpo vital, o espírito, a alma, ou algo mais que lhe queiram chamar?



Folhas mortas.  
Foto: Rene Marino

E quando se dá a tal desagregação, a imensa **"desordem"**, o tal caos, e o corpo físico morre, o que origina esta situação? Será o abandono do corpo físico e volta para outra dimensão,



Fugos numa árvore morta.  
Foto: Gunter Hofer

do tal corpo vital, ou espírito, ou alma, ou como lhe queiram chamar? Se for assim, o tal **"caos"** obedece a uma determinada ordem, ou seja, a parte física volta à terra, não esqueçamos que **"nada se perde, tu-**

**do se transforma"**, a espiritual a fazer parte da energia universal que tudo agrega.

Na Internet encontrei um ensaio escrito por um Irmão nosso, Hélio Leite, brasileiro, do qual vos vou ler dois ou três parágrafos:

*"...A lógica humana continua exuberante dentro da filosofia maçônica, seja ela mecanicista ou mística, mas em todos predomina cegueira, não se entende a possibilidade de existir ordem na desordem. O Maçom busca perfeição. Seu objectivo é a religação com a divindade. Estará ele munido de capacidade intelectual suficiente para ver beleza e ordem onde sua capacidade de pensar ainda não alcança e apenas vê desordem? Infelizmente é na busca desta condição de perfeição condicionada ao grau de evolução humana que se obscurece a razão para ver ordem na aparente desordem.*

*O sistema da ordem maçônica trata a mente de homens que pensam com lógica, mística e matemática em presença da desordem. Modifica o pensamento do místico e do sensível na presença da desordem e intui a presença de ordem. Leva o buscador cientista a encontrar nos mecanismos da Natureza a inspiração de espiritualidade que o religam ao Grande Arquitecto do Universo, mesmo na presença da aparente desordem.*

*... O que é inexplicável à com-*

*preensão humana ou é denominado milagre ou se constrói ao seu redor uma interpretação mística que usa da perfeição interpretada pelo homem e encaixa-se tudo o que não se consegue explicar dentro de padrões que são familiares aos **sensores materiais**..... **É a razão do maçom não discutir a constituição e aparência do Grande Arquitecto do Universo, um ser desta magnitude está fora de sua capacidade sensorial; cada homem cria um Deus de acordo com a sua própria experiência sensorial. O conceito maçônico de Grande Arquitecto do Universo é o mais inteligente dos estratagemas para obter a liberdade de dogmas e falácias resultantes da interpretação humana do Universo e da vida.**"*



In **"Catálogo Fractales"** - Valentina De La Hoz

Com o desenvolvimento da matemática e das outras ciências, há cerca de 60 anos, em paralelo com o também desenvolvimento da informática, começou-se uma investigação sobre a Teoria do Caos, ciência esta que tem proporcionado descobertas extraordinárias e le-

vantado questões tão problemáticas que a tornam muito interessante e desafiante.

**Passo a citar:** "A geometria fractal está intimamente ligada à Teoria do Caos. São as estruturas quebradas, complexas, estranhas e belas desta geometria que conferem uma certa ordem ao caos, e esta é muitas vezes caracterizada como sendo a linguagem do caos. A geometria fractal busca

*padrões organizados de comportamento dentro de um sistema aparentemente aleatório."*

- Sinergia (que gera e aglutina)  
- Entropia (que consome e dispersa)

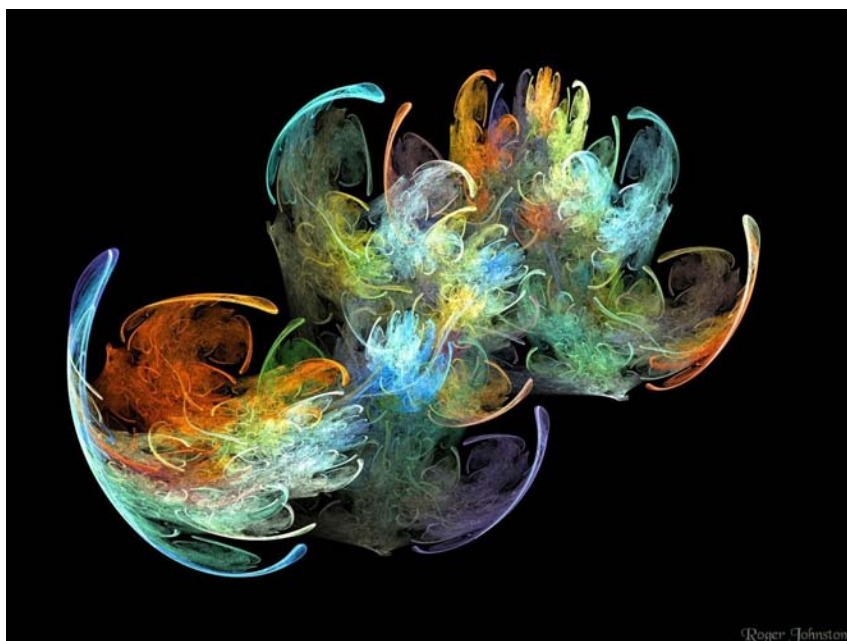
São estas duas forças que, segundo a física moderna, contribuem para o equilíbrio universal que mantém os sistemas planetários.

Tantas dúvidas se me levantam sobre este assunto, as mesmas que coloco nas vossas mãos e à vossa curiosidade. É um mundo **para descobrir, uma "ordem no caos" ou "a ordem está no caos"?**

Será que José Saramago tinha razão quando escreveu: **"O caos é uma Ordem por decifrar"?**

Maria Teresa

Or.: de Lisboa, 15/09/2013



Arte Fractal.

Fonte: [www.borongaja.com](http://www.borongaja.com)



## A Propósito da foto da capa...



*"O Hubble transformou completamente a nossa visão do universo"*

Esta citação é atribuída a John Grunsfeld (anterior director do *Space Telescope Science Institute* e actualmente Administrador da Missão científica da NASA) e esta foi a foto escolhida pela NASA para celebrar o vigésimo quinto aniversário do telescópio espacial Hubble, que teve lugar em 24 de Abril de 2015.

Esta visão de fogos de artifício estelares e de gás é a de um tapete brilhante de cerca de 3 000 jovens estrelas, designado *Westerlund 2*, localizado numa zona de intensa actividade criadora. A uma distância de 20 000 anos-luz da Terra, na direcção da constelação *Carina - Quilha*. **Esta constelação, visível no hemisfério sul, fazia parte da grande constelação *Argo*, assim nomeada em honra do navio que transportou Jasão e os Argonautas na sua busca do "Velo de Ouro". Esta "maternidade estelar" constitui uma zona de grande convulsão e corresponde a uma zona de poeira resultante da morte de muitas outras estrelas de uma geração anterior. A acreção, *i.e.* o aumento de massa local por aglomeração de materiais devido à força de atracção exercida, leva à formação de estrelas e de sistemas estelares, acompanhados, decerto, muitos deles, dos seus sistemas planetários.**



## Preceito

Na Honra suprema não existe honra, esta não pretende ser gravada finamente como o jade mas ser espalhada como as pedras.

*Tao-Te-King*

